

POLÍTICA

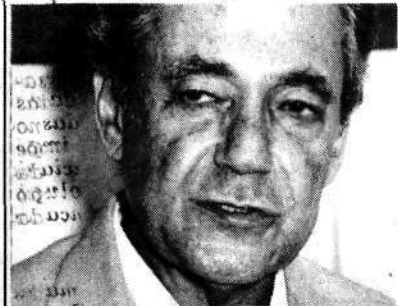
Os quatro anos para Sarney: entre os políticos (do governo e fora dele), empresários, governadores...

Quem gostou, quem não gostou.



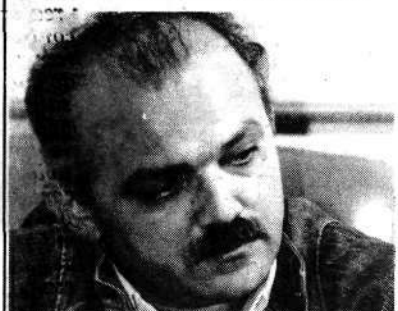
COLLOR

"Meu candidato é o senador Mário Covas", disse ontem Fernando Collor de Melo, de Alagoas, o primeiro governador a defender abertamente a redução para quatro anos do mandato de Sarney. Ele acha que a campanha sucessória pode ser iniciada imediatamente, sem que isso venha a causar transtornos ao processo político. Mas considera "mais prudente" aguardar a promulgação da Nova Constituição. Quanto a sua indicação como companheiro de chapa de Covas, para a vice-presidência, disse que isso não passava de "generosidade" dos amigos.



WALDIR PIRES

O governador da Bahia, Waldir Pires, afirmou em Salvador que a realização de eleições presidenciais no próximo ano "tranquiliza a Nação em relação à transição democrática", na sua opinião ameaçada pelo divórcio entre a sociedade civil e o poder. Pires ficou entusiasmado com o resultado da votação na Comissão de Sistematização. Acha que foi "uma decisão importante, pois eleições sempre fizeram bem ao Brasil". Embora seja parlamentarista, o governador baiano não ficou satisfeito com a decisão da Comissão de implantar imediatamente após a promulgação da nova Constituição o novo sistema de governo, e não a partir do sucessor de Sarney.



MEDEIROS

O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do Estado de São Paulo, Luís Antônio Medeiros, entende que esta é uma "grande oportunidade para reciclar o País quanto à possibilidade de eleição no próximo ano". No entanto, advertiu, "não podemos fazer as coisas pela metade. Por isso, o pleito deve ser para todos os níveis". Os parlamentares, por exemplo, acrescentou, "foram eleitos para elaborar a Constituição e, terminado o trabalho, outros devem ser os escolhidos". Na sua opinião, será uma incoerência eleger o presidente "porque ele corre grave risco de não poder governar por ter minoria contra".

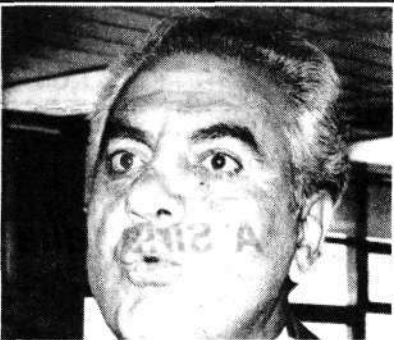


Covas (com Carlos Sant'Anna): Sarney contribuiu para a própria derrota.

MÁRIO COVAS

O líder Mário Covas, admitiu após a votação da Sistematização, que a comissão efetivamente não representa a maioria da Constituinte e que o resultado poderá ser diferente no plenário. Isso, embora particularmente considere que a tendência atual deverá ser mantida, e os que lutaram pelos 4 anos devem intensificar o trabalho para manter a decisão na instância final.

Covas não acredita que a redução do mandato do presidente Sarney venha a apresentar problemas para a manutenção do regime parlamentarista, diante da precipitação do processo sucessório. Ao contrário, disse o líder do PMDB na Constituinte, vigorando desde a promulgação da nova Constituição, o sistema parlamentarista comprovará sua eficiência e absorverá as crises que ainda vão surgir nesta etapa final da transição na campanha presidencial. Essa tese é defendida pelos que queriam inviabilizar a redução do mandato do presidente Sarney, mas acabou funcionando contra eles, disse Covas.



RICHA

O senador José Richa, que votou pelos 4 anos, não apenas acha que a votação de ontem na Sistematização poderá não ser confirmada pelo plenário da Constituinte como admite ele mesmo poder reverter seu voto, e passar a apoiar os 5 anos de mandato para Sarney, na instância final, caso haja condições de desenvolver, ainda, um entendimento nacional com a participação do governo e das forças políticas. Richa acentua que a Sistematização não expressa, com seus 93 membros, a maioria do pensamento dos constituintes, mas o presidente Sarney se recusou a todas as iniciativas visando a um entendimento.

O senador paranaense, amigo pessoal do presidente Sarney, observou que em momentos de grave crise, como o atual, nenhuma força política, mesmo de oposição, pode se furta a uma perspectiva de entendimento em favor dos interesses nacionais e da estabilidade política, especialmente quando chega ao fim um penoso período de transição para a democracia. Richa não sabe de quem poderia partir a iniciativa para um novo acordo, e frisa que ainda não existe nada de concreto, na prática.

O eventual entendimento nacional será em torno da manutenção do regime parlamentarista como tema principal, e dele deverão participar todos os grupos representados na Constituinte, na sua opinião.

O líder do PMDB havia calculado a vitória dos 4 anos de mandato por 47 votos a 46, observando ter errado apenas em relação a um parlamentar, cujo nome não quis revelar. Frisou que não é candidato a presidente da República e nem a primeiro-ministro, e acha que tais assuntos deverão ser tratados apenas depois da promulgação da nova Constituição. Até lá, quem tratar disso não estará contribuindo para o término da transição democrática, disse Covas. Ele reconheceu, depois, que Sarney, com a recusa ao entendimento com os parlamentaristas, e através das declarações do porta-voz palaciano Frota Neto, contribuiu decisivamente para sua própria derrota.



F. HENRIQUE

Para o líder do PMDB, Fernando Henrique Cardoso, o resultado da votação na Sistematização quanto ao regime de governo deixou claras duas tendências que dificilmente serão revertidas: a decisão pela redução do mandato presidencial será mantida pelo plenário da Constituinte e o sistema parlamentarista será consolidado rapidamente, não sendo incompatível com a antecipação do fim do atual mandato presidencial.

O líder peemedebista observou que, se isso não havia acontecido ainda, a partir de agora a Constituinte estará mais ligada aos sentimentos do povo brasileiro, cuja maioria deseja uma antecipação das eleições presidenciais diretas. Por isso, ele acha difícil que haja reversão no plenário final. A campanha sucessória, em sua opinião, entretanto, só deverá ser deplorada a partir da promulgação da nova Constituição.

Como outros constituintes favoráveis aos quatro anos de mandato para o atual presidente, Fernando Henrique também acha que Sarney ajudou muito a causa que lhe era adversa, mantendo-se irredutível contra um entendimento que conciliasse as questões do mandato com a do sistema de governo.



CARLOS SANT'ANNA

O presidente José Sarney não ajudou a defesa do mandato de cinco anos na Sistematização, admitiu desolado o líder do governo, Carlos Sant'Anna, após a votação, evitando fazer maiores comentários por estar "emocionado". Sant'Anna não particularizou a razão da falta de apoio de Sarney, mas ele tentou, durante vários dias, autorização presidencial para apoio aos parlamentaristas na questão do sistema de governo, em troca de votos para os cinco anos de mandato. Sarney em nenhum momento aceitou a sugestão.

Carlos Sant'Anna disse que cinco constituintes comprometidos com os cinco anos de mandato votaram pelos quatro e, para ele, foi uma surpresa. Mas não quis revelar os nomes. Acrescentou que está certo da reversão da decisão da Sistematização no plenário final da Constituinte, porque, em tese, até daria para admitir antecipada-



ALOÍSIO ALVES

O ministro da Administração, Aloísio Alves, acredita que a tendência da Constituinte é restaurar em plenário os 5 anos de mandato do presidente José Sarney adotando o parlamentarismo no último ano. Alves — que esteve com Sarney logo após o resultado da votação da Comissão de Sistematização — disse que o presidente não pretende negociar com mais ninguém a manutenção do seu mandato, aguardando o resultado da decisão final do plenário.

Segundo o ministro, o presidente considera essa uma decisão ainda preliminar. E, mesmo que seja derrotado em plenário, está disposto a acatar o resultado — qualquer que seja — pois, ao convocar a Constituinte, foi para aceitar a vontade da maioria. Aloísio Alves disse que Sarney estava tranquilo e recebeu a redução de seu mandato sem mágoas, mas não quer mais saber de negociações em torno do assunto.

O ministro da Administração creditou a alguns setores do PMDB de Pernambuco e da Bahia a redução do mandato de Sarney, mas não quis apontar o nome de ninguém. Em sua opinião, a Comissão de Sistematização cometeu mais um erro dos muitos que vem cometendo na elaboração da nova Constituição aprovando o parlamentarismo como forma casuística, como aconteceu em 1961, quando foi derrotado logo em seguida por 91% em plebiscito.

Segundo Aloísio Alves, o presidente exigirá que cada parlamentar assumira sua responsabilidade pelo resultado da votação em plenário a respeito da fixação do tempo de seu mandato.

mente o resultado adverso. "A Sistematização teve seus membros indicados pelo líder Mário Covas e, portanto, foi adrede preparada para os resultados contra o governo", frisou o deputado, ressaltando que "93 parlamentares não podem mesmo representar a média de pensamento da Constituinte".

O líder Mário Covas, informado da opinião de Sant'Anna, disse que o próprio líder do governo teve seu nome indicado por ele para a Comissão de Sistematização.

Sant'Anna comentou que a derrota, como a vitória, acontece na política para todos os grupos, o que não significa desistência das intenções de cada um. Nessas horas, precisamos ter grandeza, disse. Ao sair do plenário, Sant'Anna ainda não sabia quando ia falar com o presidente Sarney, mas observou que ele "certamente não estará satisfeito com o resultado".



AURELIANO

O ministro Aureliano Chaves, presidente de honra do PFL, achou "muito perigosa" a decisão da Comissão de Sistematização. Para ele, o processo de transição se completará com a adaptação das constituições estaduais ao novo texto constitucional e, ainda, com a elaboração e aprovação de leis complementares.

O ministro comentou que ficou surpreso com alguns votos a favor do mandato de quatro anos, observando que muitos que votaram essa forma querem, na verdade, "ficar livres de Sarney". E advertiu: "Os que querem que Sarney saia logo poderão ter uma grande decepção, colocando outro muito pior do que ele".

Aureliano Chaves descartou qualquer possibilidade de autorizar, desde logo, a sua candidatura, e reafirmou: "Sou presidencialista e defendo mandato de cinco anos a Sarney".

Em São Paulo, o secretário dos Negócios Jurídicos do Município, Cláudio Lembo (integrante da ala dissidente do PFL), disse que "o presidente Sarney torna-se mais isolado, a cada dia que passa". Para ele, o que foi decidido pela Sistematização "é apenas o reflexo desse isolamento".



SZALMAN

"Os anseios da sociedade devem ser respeitados", afirmou o presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, Abram Szajman. "Como as pesquisas indicam o desejo de eleições", acrescentou, "o plenário da Constituinte deve dar a palavra final, já que é a caixa de ressonância da sociedade". Neste momento de ansiedades, disse ainda Szajman, "onde o econômico está sendo prejudicado pelo político, devemos tentar apressar as soluções políticas para que o País seja beneficiado". Ele entende que, "se a velocidade de atuação for rápida, em breve teremos condições de nova situação de trabalho".



MORAES ABREU

O presidente executivo do Banco Itaú, José Carlos Moraes Abreu, acredita que seja "necessário realizar uma eleição para que o novo presidente tenha respaldo político a fim de encontrar soluções para os numerosos problemas que se acumularam". Para ele, o próximo presidente da República não precisa ser um político, mas deve ser dotado de grande realismo, "deixando de lado o faz-de-conta". Embora veja em Antônio Ermírio de Moraes o perfil ideal do candidato à Presidência, Moraes Abreu reconhece que isso seria um "terrível problema pessoal" para ele. Sua esperança é o aparecimento de um líder que "venha se transformar num estadista verdadeiro".



CAIADO

"É uma coisa normal e nada surpreendente", para o presidente da UDR, Ronaldo Caiado, a aprovação de um mandato de 4 anos para o presidente Sarney. Mais: "É com satisfação que vemos a possibilidade do País ter eleições no próximo ano para tentar sair da crise atual". Caiado explicou que sempre defendeu essa duração para o mandato de Sarney e o presidencialismo. Mas descartou qualquer possibilidade de lançar um candidato via UDR. "Isto seria absurdo, somos apenas uma entidade civil, não partidária."